

Departamento de Teatro e Cinema - Escola Superior Artística do Porto

# #3

ARTE E  
DESENVOLVIMENTO  
HUMANO

2015

PERSONA



# **O teatro e a emergência de uma nova didática para o ensino da Filosofia**

Artur Manso,  
Miguel Jorge Peixoto

Resumo: O presente artigo centra-se numa investigação que está a ser levada a cabo no Balleateatro - Escola Profissional, situada na cidade do Porto, com alunos do ensino secundário, no sentido de testar novas metodologias para o ensino da Filosofia através do teatro. Com ela, pretendemos fazer emergir uma didática renovada mais consentânea com o lugar da Filosofia nos atuais currículos do ensino secundário em Portugal. Este trabalho valoriza a relação íntima que o teatro sempre manteve com a Filosofia, podendo, por isso, servir de base a uma educação filosófica que possa fortalecer a formação da sensibilidade ética e estética da totalidade dos alunos.

Palavras-chave: Teatro; Didática; Filosofia; Estética.

### 1.

O teatro na sua aceção tradicional está associado à ideia de espetáculo e, por conseguinte, a ideia de teatro, tal como a arte em geral, remete-nos para um universo de diversão e de alienação, de superação do próprio eu, fatos que permitem ao Homem a suspensão da realidade e o enquadramento da finitude em perspetivas menos convencionais e não raras vezes de transgressão radical em relação ao comummente aceite. Esta parece ser a visão que do teatro nos apresenta Ortega y Gasset ao considerar que ele “constitui o cimo desses métodos de evasão que são as belas-artes, aquilo que mais completamente permitiu ao Homem foi escapar de seu penoso destino” (Ortega y Gasset, 1965: 53).

A visão do teatro como um mecanismo de alienação, criado pelo Homem para expurgar a interrogação do seu ser e a fragilidade da

sua existência é-nos também apresentada por Nietzsche que ao pronunciar-se sobre a origem da tragédia grega afirma: “A ideia trágica é a do culto dionisíaco: a dissolução da individuação em uma outra ordem cósmica, a iniciação na crença na transcendência através dos terríveis meios geradores de pavor da existência. A culpa e o destino são apenas tais meios, tais máquinas: o grego queria fugir completamente deste mundo de culpa e do mundo do destino” (Nietzsche, 2006: 49). A conceção do teatro ocidental surgiu sob o húmus da cultura grega, onde a civilização que viu nascer a democracia e a filosofia já tinha, pelo teatro, conseguido filtrar a espontaneidade caótica das atuações em torno dos rituais do culto a Dionísio, entre outras, e concentrá-las dentro dos justos limites, em partituras de ações organizadas e inteligíveis. Assim, normalizava-se o que na sua origem era transgressão, dava-se forma e expressão aos instintos mais básicos e cruéis de cada um, tornando o ato impulsivo, em ato vivo, o que permitiu a sua apropriação não apenas pela volatilidade do momento, como acontecia no rito, mas pela ponderação da organização cênica e do encadeamento lógico da narrativa. Desta forma, o teatro foi-se tornando um mecanismo independente da dimensão religiosa, transcendental ou metafísica, abraçando, definitivamente, uma função pedagógica, ligada às questões mundanas e às inquietações mais básicas dos indivíduos, que se materializaram no aparecimento dos dois géneros: a tragédia e a comédia. Com o teatro os gregos deram forma a manifestações individuais que se encontravam difusas, baseadas na pulsão efémera e manifestadas de forma caótica em movimentos miméticos. Sob a tutela do teatro, os medos e os



demônios individuais e coletivos que até então eram relegados para as margens da existência, concentraram-se numa estrutura organizada e viva sem perder o esplendor das realidades transgressoras onde tinham nascido, dando à energia libertada no rito as margens necessárias que hão-de percorrer tanto o ator como o espetador ao explorar uma verdadeira aproximação à essência do ente da ação. Desta forma, os gregos tornaram o teatro vivo já “que na vida não existe nada sem forma; somos obrigados em todos os momentos (...) a procurar a forma” (Brook, 1993: 58).

## 2.

Esta transformação só foi possível por uma civilização que para além das preocupações económicas e sociais, teve na filosofia e nos filósofos uma enorme plataforma intelectual para a institucionalização do teatro na sociedade ateniense. É, pois, impossível imaginar a tragédia e a comédia gregas desprovidas de um cariz pedagógico-filosófico e, neste sentido, as ligações estabelecidas entre o teatro e a filosofia são por demais evidentes, desde peças que fazem alusão a filósofos e a problemas filosóficos mostrando a relação original entre os problemas tratados no teatro e na reflexão teórica, a ligação entre aquilo que é real e o que sobre essa realidade tende a pensar cada existente. É com esta intenção e preocupação que quisemos refletir sobre estes dois universos, tentando fazer emergir uma pedagogia para o ensino da filosofia tendo por base o universo teatral.

Ao relacionar o teatro, a filosofia e a pedagogia, queremos propor uma metodologia para o ensino de conteúdos filosóficos a partir das estruturas teatrais, tanto na sua conceção literária como

na sua conceção cénica. É mais uma forma de ensinar filosofia, pouco ou nada usual na atualidade, inserida nos métodos ativos e capaz de contrariar a predominância atual dos métodos diretivos, centrados no professor e recorrendo principalmente ao método expositivo e à história da filosofia, se bem que, como já referimos, pela história da filosofia fica bem patente o papel do teatro no seu ensino e transmissão. A verdade é que na atualidade o ensino e a transmissão da filosofia, baseia-se essencialmente no funcionamento quase exclusivamente racional da interpretação do mundo, com pouco espaço para uma envolvência efetiva dos alunos na apropriação viva dos conteúdos que se querem veicular, o que por um lado acentua o preconceito em torno da filosofia como disciplina enfadonha e distante, e por outro, não vai ao encontro das novas exigências das atuais gerações. Como refere Adorno: “A filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica” (Adorno, 1995: 53) e nós pensamos que o seu entendimento, quando percecionada na sua especificidade, beneficiará com o recurso ao teatro.

## 3.

O ensino da filosofia em Portugal, que aliás reproduz o modelo clássico do seu ensino e aprendizagem, baseado essencialmente nas categorias racionais, pouca importância tem dado ao teatro enquanto estratégia pedagógica. Ao constatar a quase ausência do teatro na lecionação da filosofia e devido à interface que as artes cénicas e a filosofia representaram na nossa formação, quisemos, agora, tentar uma nova abordagem no ensino da filosofia com o recurso às artes cénicas. Agora que o século XXI nos trouxe

novos problemas escolares ligados ao egoísmo paradoxalmente potenciado pela aproximação virtual permitida pela web, fazer uso do teatro para potenciar uma nova abordagem existencial onde o indivíduo possa novamente pensar a sua existência em conjunto com os outros, tornou-se para nós uma prioridade.

Como mostramos em trabalho anterior<sup>1</sup>, houve já algumas tentativas na tradição portuguesa de pensar o teatro sob o signo da filosofia, tornando Portugal precursor nesta área. Aqui acrescentamos as reflexões conjuntas sobre o assunto de João dos Reis Gomes, Sampaio Bruno e Cândido Pereira, no escrito designado *O teatro e o actor: esboço philosophico da arte de representar*<sup>2</sup>, publicado no Funchal em 1905. Outro trabalho na mesma linha é de Adolfo Lima, designado, genericamente *O teatro na escola*<sup>3</sup>, publicado na *Revista de Educação Geral e Técnica* em Abril de 1915, que em outubro do mesmo ano publicou, sob o mesmo título outro texto agora assinado por Fernando Palyart Pinto<sup>4</sup>. Já nos anos de 1960 surgiu também um interessante movimento em Portugal que se propôs quebrar a orientação positivista e científica que a educação estava a tomar e que aliás nos tempos atuais se tornou padrão nas políticas educativas ocidentais, as quais, Portugal assume como suas. Falamos do movimento que se propôs pensar a relação entre *educação estética e ensino escolar*<sup>5</sup>, reunindo e publicando em 1966, entre outros, textos de Rui Grácio, João dos Santos (psicologia e educação), Nuno Portas (cinema e educação), Nikias Skapinakis (desenho e educação) e Luiz Francisco Rebelo (Teatro e educação).

Não podemos também deixar de referir a componente filosófica da dramaturgia de fins de

século XIX, nomeadamente, Tchecov, Ibsen, Brecht, e o conteúdo profundamente filosófico das peças de Ionesco, Samuel Beckett e de um dos maiores filósofos da modernidade, Jean Paul Sartre. Recorrendo a estas bases a que não deixaremos de associar outros nomes e diversas reflexões, tentaremos fazer emergir e sustentar um conjunto de estratégias que suportem uma metodologia para ensinar filosofia de forma renovada e de acordo com as exigências do tempo actual.

#### 4.

Esta ideia central guiou-nos em outubro de 2014 quando iniciamos uma experiência pedagógica que será levada a cabo nos próximos três anos, no Balletatro - Escola Profissional, na cidade do Porto, a norte de Portugal, com alunos do 10º ano do ensino secundário, de uma faixa etária em torno dos 16 anos que é aquela que em Portugal toma contacto com a disciplina de filosofia pela primeira vez. Esta é uma idade que no seu estágio de desenvolvimento, potencia a abertura a abordagens diferenciadas das temáticas filosóficas já que “ao despontar da adolescência, a criança, que está a deixar de ser criança, começa a interessar-se por conceitos que dificilmente, que impossivelmente, podem apreciar-se com fria exposição. A paz ou a liberdade, a beleza ou a democracia, a dor ou o patriotismo, etc, são problemas que os nossos alunos, gostam de tomar para a composição de pequenas peças ou ainda para curiosos debates” (Magalhães e Gomes, 1974: 40-41).

A experiência pedagógica decorre numa turma de 25 alunos do 10ºano do curso profissional de teatro, alunos estes que possuem nos seus currículos a obrigatoriedade da aprendizagem de

<sup>1</sup> Cf. Manso, A | Peixoto, M (2015). “O teatro como palco do filosofar: bases para uma pedagogia renovada”. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, nº 5, pp. 79-83.

<sup>2</sup> Cf. Gomes, João dos Reis; Bruno, Sampaio; Pereira, Cândido, “O teatro e o actor: esboço philosophico da arte de representar”, Funchal, 1905.

<sup>3</sup> Cf. Lima, Adolfo (1915). “O teatro na escola”. *Revista de Educação Geral e Técnica*, abril 1915, pp. 393-432.

<sup>4</sup> Cf. Pinto, Fernando Palyart (1915). “O teatro na escola”. *Revista de Educação Geral e Técnica*, outubro 1915, pp. 112-128.

<sup>5</sup> Cf. AA VV (1966). “Educação estética e ensino escolar”. Lisboa: Europa-América.



conteúdos filosóficos, centrando-se a investigação, neste primeiro ano, nos conteúdos da Ética e Filosofia Política, em total respeito com os conteúdos oficiais do referido programa. O plano delineado nesta pesquisa, teve como preocupação introduzir os alunos nas problemáticas da filosofia enquanto disciplina curricular, dado que 18 dos 25 alunos nunca tinham tido contacto com a mesma, desconhecendo a sua especificidade. Neste sentido, nas primeiras aulas, com o recurso ao diálogo professor-alunos, tivemos que fazer uma apresentação da própria disciplina, lançando alguns exemplos de questões filosóficas e evidenciando a sua atualidade.

Após este período inicial, fez-se uma abordagem ao pensamento político de Aristóteles, Thomas Hobbes e John Locke através de metodologias predominantemente expositivas. Finda a exposição, a primeira proposta prática de trabalho, tendo por base o teatro, centrou-se na construção de pequenas improvisações dramáticas sobre estes autores a partir dos conceitos de liberdade, justiça, democracia, direito, absolutismo, liberalismo, entre outros, presentes nas obras de Aristóteles, *Política*, Hobbes, *Leviatã* e Locke, *Segundo Tratado do Governo Civil*, das quais se selecionaram os extratos com as quais os alunos tiveram contacto prévio.

Constituíram-se grupos de dois ou três elementos, ficando cada qual com a incumbência de improvisar entre cinco a sete minutos o texto extraído das referidas obras que lhes foi distribuído. No final de cada improvisação procedeu-se a um debate sobre as principais ideias força que os textos relevavam, criando-se deste modo, um aprofundamento dos conceitos presentes nas perspetivas políticas propostas e o reparo de algumas imprecisões

científicas que foram surgindo ao longo das representações. Desta maneira, os alunos através dos sucessivos momentos teatrais, de uma forma envolvente, foram tomando contacto com as diversas perspetivas políticas revelando serem capazes de entender os fundamentos das mesmas. No final da aula, fazia-se um esquema-síntese das referidas perspetivas, realçando os conceitos-chave. Dado o dinamismo que rodeou este exercício, os alunos mesmo depois da preleção terminar, levaram a discussão para fora da sala de aula, revelando um nível muito elevado na apropriação dos conteúdos e adequação da linguagem específica às situações do quotidiano.

É importante realçar que, no contexto da avaliação sumativa das aprendizagens, o desempenho dos alunos em relação aos conteúdos que não foram alvo de abordagem dramática, foram bastante díspares, ao contrário da homogeneidade demonstrada naqueles que foram integrados na experiência. No teste de avaliação sumativa a que os alunos são obrigados, a esmagadora maioria conseguiu obter pontuações superiores no grupo de questões relacionadas com os conteúdos trabalhados através de exercícios dramáticos em comparação com as questões que foram tratadas sob a base da pedagogia dominante.

Fizemos também um exercício de pesquisa, centrado na unidade ético-política assente na realização de um trabalho dramático onde os alunos procederam a uma encenação em torno do conceito de justiça, sendo apenas sugerido algumas possibilidades de textos relacionados com a temática e dando-lhes total liberdade na elaboração da tarefa.

A abordagem ao conceito de justiça foi de facto muito criativa e crítica, os grupos aprimoraram nos

figurinos escolhidos, nos textos e na diversidade de abordagens. Estas percorreram universos tão variados, como a justiça ou falta dela, o poder político e a justiça, o papel da mulher nas atuais sociedades, surgindo mesmo um trabalho que replicou a personagem de Sócrates e o seu peculiar método dialógico, deslocando-se esse grupo para o centro da cidade, a praça pública, para aí “espicaçar” os cidadãos sobre o que pensavam sobre a justiça.

No final de cada apresentação, era nomeado um moderador que dava início a um espaço de debate para abordar a problemática tratada. A qualidade das participações foi de grande nível o que reforça a nossa aposta na metodologia escolhida.

## 5.

No excuro deste trabalho quisemos apenas dar conta de uma preocupação nossa: a de construir uma metodologia viável para o ensino da filosofia no ensino secundário com o recurso ao teatro. Vimos que em momentos passados da investigação pedagógica em Portugal, tal metodologia já foi pensada e tentada, o que nos deu um importante estímulo para levar a cabo a nossa proposta.

Finalmente, pudemos na prática letiva que desenvolvemos no Balleteatro - Escola Profissional, pôr em prática a nossa metodologia na leção de conteúdos concretos dos programas oficiais de filosofia no ensino secundário.

É verdade que o facto de o projeto se desenvolver numa escola profissional ligada às artes cênicas foi facilitador dos nossos propósitos, mas a nossa intenção é testar a metodologia com as devidas e necessárias adaptações a todos os níveis de ensino secundário onde a Filosofia continua a ser parte oficial dos programas.

## Referências Bibliográficas:

- AA VV (1966). *Educação estética e ensino escolar*. Lisboa: Europa-América.
- ADORNO, T (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- BERTHOLD, M (2001). *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- BROOK, P (1993). *O diabo é o aborrecimento - Conversas sobre teatro*. Porto: Porto Editora.
- MAGALHÃES, M & GOMES, A (1974). *A Criança e o Teatro*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.
- NIETZSCHE, F (2006). *Introdução à Tragédia de Sófocles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- ORTEGA Y GASSET, J (1965). *A Ideia do Teatro*. S. Paulo: Perspectiva.

